

STEPHANIE  
WROBEL

O SEGREDO DE  
**ROSE  
GOLD**

**Tradução**  
Ryta Vinagre

1ª edição

---

Rio de Janeiro-RJ / Campinas-SP, 2020



VERUS  
EDITORA

# 1

## PATTY

*Dia da soltura*

**M**inha filha não precisava testemunhar contra mim. Ela decidiu isso. Foi culpa de Rose Gold eu ter ido parar na prisão, mas ela não é a única responsável. Se tivermos de apontar dedos, os meus miram o promotor e sua imaginação hiperativa, o júri crédulo e os repórteres sanguinários. Todos clamaram por justiça.

O que eles queriam era uma matéria, uma história.

(Peguem a pipoca, gente, porque eles escreveram uma.)

Era uma vez, disseram eles, uma péssima mãe que deu à luz uma filha. A filha parecia ser muito doente e tinha todo tipo de problemas. Usava uma sonda gástrica, o cabelo caía aos tufos e era tão fraca que precisava de uma cadeira de rodas para se locomover. Durante dezoito anos nenhum médico conseguiu descobrir o que havia de errado com ela.

E então apareceram dois policiais para salvar a filha. E eis que a saúde da menina estava perfeita — a doente era a mãe má. O promotor disse a todos que a mãe envenenou a filha durante anos. Por culpa da mãe, a garota não parava de vomitar e sofria de desnutrição. Maus-tratos infantis com agravante, foi como ele chamou. A mãe precisava ser castigada.

Depois que ela foi presa, a imprensa mergulhou feito um abutre, ávida para tirar proveito de uma família sendo desfeita. As manchetes clamavam pelo sangue de “Patty Peçonhenta”, uma mestra da manipulação de cinquenta e poucos anos. Todos os amigos da mãe engoliram as mentiras. Arrogantes andavam por toda a Terra; cada advogado, policial e vizinho tinha certeza de ser o salvador da menina. Colocaram a mãe na prisão e jogaram a chave fora. Foi feita justiça e a maioria deles viveu feliz para sempre. Fim.

Mas onde estavam os advogados quando a mãe limpava o vômito da filha do carpete pela milésima vez? Onde estavam os policiais quando a mãe se debruçava sobre livros de medicina toda noite? Onde estavam os vizinhos quando a menina gritava pela mãe antes de o sol nascer?

Mate esta charada para mim: Se passei duas décadas maltratando minha filha, por que ela se ofereceu para vir me buscar hoje?

Connolly se aproxima de minha cela ao meio-dia em ponto, como prometeu.

— Está pronta, Watts?

Saio de minha cama dura e visto o uniforme cáqui áspero.

— Sim, senhor.

Me tornei uma mulher que pia.

O carcereiro barrigudo saca um aro grande de chaves e assovia ao abrir minha porta. Sou a detenta preferida de Connolly.

Paro junto à cama de minha companheira de cela, sem querer fazer cena. Mas Alicia já está sentada, encostada na parede e abraçando os joelhos. Ela ergue os olhos a mim e cai aos prantos, parece ter muito menos que seus vinte anos.

— Shh, shh. — Eu me abaixo e envolvo a menina nos braços. Tento dar uma espiada em seus pulsos enfaixados, mas ela me pega. — Continue passando a pomada e trocando esses curativos. Nada de infecções — digo, mexendo as sobrancelhas para ela.

Alicia sorri, as lágrimas mancham seu rosto. Ela soluça.

— Sim, enfermeira Watts.

Procuro não me envaidecer. Fui auxiliar de enfermagem diplomada por doze anos.

— Menina boazinha. A Díaz vai andar com você hoje. Trinta minutos. Ordens médicas. — Sorriu também, acariciando o cabelo de Alicia. Seus soluços pararam.

— Vai escrever para mim?

Faço que sim com a cabeça.

— E você pode me ligar sempre que quiser. — Apertando sua mão, eu me levanto e vou até Connolly, que esteve pacientemente esperando. Paro na soleira e olho para Alicia, fazendo uma anotação mental para lhe mandar uma carta quando chegar em casa. — Uma hora de cada vez.

Alicia acena timidamente.

— Boa sorte lá fora.

Connolly e eu vamos para a seção de Admissão e Soltura. Minhas companheiras detentas gritam suas despedidas.

— Mantenha contato, ouviu bem?

— Vamos sentir sua falta, mamãe.

— Fique longe de problemas, Skeeto. (Abreviatura para “Mosquito”, um apelido dado como um insulto, mas tomado como um elogio. Os mosquitos nunca desistem.)

Dei a elas meu melhor aceno de rainha Elizabeth, mas me contive e não mandei beijos. É melhor tratar disso com seriedade. Connolly e eu voltamos a andar.

No corredor, Stevens quase passa por cima de mim. Ela tem uma estranha semelhança com um buldogue — atarracada e parruda, os maxilares agitados, sabe-se que baba de vez em quando. Ela resmungua para mim.

— Já vai tarde.

Stevens permaneceu no comando até eu chegar aqui. Jamais foi uma defensora da abordagem mosca-no-mel: ela é puro vinagre. Mas a força bruta e as táticas de intimidação só funcionam até certo ponto e não chegam a lugar algum com uma mulher do meu tamanho. Foi fácil usurpar sua posição. Até entendo por que ela me odeia.

Mexo os dedos para ela, toda provocante.

— Tenha uma vida gloriosa, Stevens.

— Não envenene mais nenhuma garotinha — ela rosna.

Não tenho a opção do estrangulamento, então a mato com a gentileza. Abro um sorriso, a epítome da serenidade, e acompanho Connolly.

O Centro de Admissão e Soltura é desinteressante: um corredor longo com piso de concreto, paredes brancas demais e salas com janelas de vidros grossos. No final do corredor fica uma pequena área de escritório com mesas, computadores e scanners. Podia ser uma empresa de contabilidade, se todos os contadores usassem distintivos e armas.

Na recepção, a cadeira do funcionário está virada para o rádio. Toca um novo programa. *Depois de um breve intervalo*, diz o repórter, *temos a história de um bebê desaparecido em Indiana. E também: doces podem dar câncer? A seguir, na WXAM*. Não assisti, não ouvi, não li as notícias desde meu julgamento. A imprensa destruiu meu bom nome. Graças a eles, minha filha ficou quatro anos sem falar comigo.

Fulmino o rádio com os olhos. A cadeira gira para mim, e percebo que conheço o funcionário sentado ali. No íntimo, eu me refiro àquele careca musculoso como Seu Liberado. Conheci-o cinco anos atrás. Ele deu em cima de mim o dia inteiro, perguntando que perfume eu usava, enquanto eu o repudiava. Fingi serenidade, mas por dentro estava numa gangorra entre a fúria e a injustiça de meu veredito e o medo dos cinco anos seguintes. Até agora, não o tinha visto de novo.

— Patty Watts? — diz ele, desligando o rádio.

Faço que sim com a cabeça.

— Eu me lembro de você. — Ele sorri.

Seu Liberado pega um formulário na gaveta da mesa, depois desaparece no depósito. Após alguns minutos, volta com uma pequena caixa de papelão. E me entrega uma folha de papel.

— Preciso que você verifique a lista de inventário e assine embaixo para confirmar que está saindo com tudo o que trouxe para cá.

Abro a caixa e olho o conteúdo antes de apor minha assinatura.

— Agora pode vestir suas roupas de sair — diz Seu Liberado, gesticulando para o banheiro e dando uma piscadela para mim quando Connolly não está olhando. Inclino a cabeça e me afasto, agarrada à caixa de papelão.

Em um reservado, tiro o casaco com DEPTO. CORRECIONAL estampado nas costas e enfio na caixa. Depois de cinco anos de comida

de presídio, meus jeans preferidos, com o misericordioso elástico na cintura, está meio largo. Visto minha camiseta do Garfield e um moletom vermelho bordado com as iniciais de minha faculdade comunitária, a GCC. As meias velhas estão duras de suor, mas ainda são melhores do que o par de lã áspera que estive calçando. Calço os tênis brancos e noto um último objeto no fundo da caixa. Pego o pingente em formato de coração e penso em colocar no bolso, mas em vez disso fecho a corrente em torno do pescoço. É melhor que ela me veja usando seu presente da infância.

Saio do banheiro e entrego a caixa vazia a Seu Liberado.

— Trate de se cuidar direito. — Ele dá outra piscadela.

Connolly e eu andamos pelo corredor iluminado com lâmpadas fluorescentes do Prédio de Admissão para o estacionamento.

— Alguém vem buscá-la, Watts?

— Sim, senhor. Minha carona deve chegar logo. — Tenho o cuidado de não dizer quem é a carona: embora Rose Gold já esteja com vinte e três anos, algumas pessoas ainda a imaginam como uma garotinha doente. Algumas pessoas não exultariam ao ver nosso reencontro. Para elas, não importa que eu tenha ficado acordada a noite toda monitorando seus sinais vitais durante cada dia de hospitalização. Elas não sabem da profundidade do amor desta mãe.

Paramos à porta. A ponta de meus dedos formiga quando alcança a barra de empurrar.

Connolly coça o bigode de Tom Selleck.

— Aquela receita de pierogi fez um baita sucesso com os meus sogros.

Bato palmas.

— Eu te disse que faria.

Connolly hesita.

— A Martha ficou impressionada. Ela não dormiu no sofá ontem à noite.

— Passinhos miúdos, senhor. Ela está voltando. Continue lendo aquele livro. — Nos últimos meses, estive treinando o carcereiro com *As cinco linguagens do amor*.

Connolly sorri e, por um segundo, parece perdido.

— Não fique todo emotivo agora — brinco, dando um tapinha em seu ombro.

Ele assente.

— Boa sorte aí fora, Patty. Não vamos nos ver de novo, está bem?

— O plano é esse. — Eu o vejo se afastar, seus sapatos tamanho palhaço batem no linóleo. Ele leva o corpanzil até uma sala e fecha a porta, e então não resta nada para olhar além de um silêncio arrepiante. De repente, o Departamento Correccional de Illinois terminou comigo.

Procuo ignorar a batida louca no peito. Abrindo a porta, vou para o sol ofuscante do lado de fora, de certo modo esperando que soe um alarme ou que se acenda uma luz vermelha. Mas é fácil assim mesmo? Entrar em um prédio, sair de um prédio, ninguém liga. Posso ir a um cinema ou igreja, ou ao circo. Posso ficar presa em uma tempestade sem guarda-chuva ou ser assaltada a mão armada. Estou livre, e qualquer coisa pode me acontecer. Estendo os dedos e me admiro na brisa deste dia fresco de novembro. Protejo os olhos e os corro pelo estacionamento, procurando pela velha van Chevy. Mas tem um mar de sedãs. Não tem ninguém.

Ela deve chegar a qualquer minuto.

Sento-me no banco frágil, de cara feia quando o plástico protesta sob meu peso. Depois de vários minutos lutando para me colocar confortável, eu me levanto. Volto a andar de um lado a outro.

Ao longe, minha van marrom entra na longa rua de mão única que leva ao Prédio de Admissões. Enquanto se aproxima devagar, faço o máximo para alisar quaisquer amarrotados e endireitar meu moletom. Dou um pigarro, como se estivesse prestes a falar, mas só o que faço é olhar fixamente. Quando a van chega ao estacionamento, consigo distinguir os ombros estreitos e o cabelo castanho-alourado de minha garotinha.

Observo Rose Gold dar a ré no estacionamento. Ela desliga o motor e se encosta no apoio de cabeça. Imagino-a de olhos fechados por um minuto. As pontas do cabelo na altura do peito sobem e descem a cada respiração ingênua. Rose Gold queria ter cabelo comprido desde que era criança, e agora tem.

Li em algum lugar que a média das pessoas tem cem mil fios de cabelo — mais para quem é louro, menos para os ruivos. Me pergunto quantos

fios são necessários para encher um punho. Imagino puxando minha filha para um abraço caloroso, torcendo suas mechas entre os dedos. Sempre disse que ela ficava melhor de cabeça raspada. A gente fica muito menos vulnerável assim — não há nada para agarrar.

As filhas nunca dão ouvidos às mães.

Quando ela levanta a cabeça, seus olhos encontram os meus. Ela ergue o braço e acena como a Rainha do Baile em um carro alegórico. Meu próprio braço plana no ar e espelha seu entusiasmo. Vejo os contornos de uma cadeirinha na segunda fileira da van. Meu neto deve estar afivelado ali.

Dou um passo do meio-fio para minha família. Já faz quase vinte e cinco anos que tive meu último bebê. Em segundos, os dedinhos dele estarão entrelaçados nos meus.



# 2

## ROSE GOLD

*Cinco anos antes, novembro de 2012*

Às vezes ainda não consigo acreditar que me deixaram ler o que eu quisesse. Passo as mãos nas fotos brilhantes da revista. Um casal impecável de mãos dadas em uma praia. Um adolescente despenteado entrando em um carro. Uma mãe radiante embalando a filha ao atravessar as ruas de Nova York. Todas essas pessoas eram famosas. Eu sabia que a mãe era uma artista chamada Beyoncé, mas não reconheci os outros. Estou certa de que a maioria dos que têm dezoito anos reconheceria.

— Rose Gold?

Tomei um susto. Meu gerente, Scott, estava parado diante de mim.

— Estamos perto de abrir — disse ele. — Pode deixar a revista de lado?

Assenti. Scott continuou andando. Será que deveria ter me desculpado? Ele estava zangado comigo ou só fazia seu trabalho? Posso ser advertida por isso? Eu devia respeitar a autoridade. Também devia ser mais inteligente que eles. Mamãe sempre foi.

Olhei para o exemplar da *Chit Chat* que tinha nas mãos. Estive procurando menções a ela no tabloide. Durante seu julgamento, escreveram três matérias sobre nós. Agora, em seu primeiro dia no presídio, eles não têm nada a

dizer. Nem os jornais de circulação nacional. A prisão de minha mãe não passou de um artigo chamativo em nosso jornal local, o *Deadwick Daily*.

Devolvi a revista à estante. Scott começou a bater palmas ao andar pela loja, gritando: “Um sorriso faz parte do uniforme, pessoal”. Olhei para Arnie no Caixa Dois. Ele revirou os olhos. Será que o irritei? E se ele nunca mais falar comigo? E se ele contar a todos os nossos colegas que eu era esquisita? Virei a cara.

O segurança destrancou as portas da Gadget World. Não havia ninguém esperando do lado de fora. As manhãs de domingo eram tranquilas. Liguei a luz de meu caixa. O “5” grande e amarelo não se acendeu. Mamãe sempre disse que uma lâmpada queimada significa que algo de ruim vai acontecer.

Os tremores no estômago pioraram. No último ano, tive pavor de qualquer grande dia de seu julgamento: os argumentos de abertura, meu testemunho, o veredito, a sentença. Mas os repórteres não se importavam que “Patty Peçonhenta” estivesse atrás das grades. Ninguém, além de mim, se lembrava de que era seu primeiro dia na prisão. Ela ainda estaria livre se eu não tivesse subido àquele banco de testemunhas. Não falo com ela desde a prisão.

Tentei imaginar minha mãe — um e sessenta e sete e corpulenta — em um macacão laranja. E se os guardas a machucarem? E se ela irritar a presidiária errada? E se ela adoecer com aquela comida? Eu sabia que devia ficar feliz com essas possibilidades. Sabia que devia odiar mamãe, porque as pessoas sempre me perguntavam se eu odiava.

Não queria imaginá-la no presente, coberta de hematomas arroxeados, empalidecendo por falta de sol. Queria lembrar a mãe com quem fui criada, a mulher de ombros largos e braços grossos que sabia sovar massa de pão em minutos. Seu cabelo era curto e quase preto, graças a uma tintura barata. Tinha as bochechas rechonchudas, um nariz esnobe e um largo sorriso que iluminava o rosto. Eu adorava o sorriso de mamãe porque gostava de ver seus dentes: brancos, retos e bonitos, uma boca organizada como as gavetas dela. Mas eram seus olhos verde-azulados e claros que conquistavam uma pessoa. Eles ouviam, eles se solidarizavam. Eles eram gentis e confiáveis sem que ela pronunciasse uma palavra que fosse. Quando a mão carnuda de minha mãe

envolvia a sua e ela apontava aqueles olhos verde-azulados para você, poder certeza de que você não se sentiria só.

— Rose Gold, não é?

Tomei outro susto. Um sócia do príncipe da Disney parado diante de mim. Eu o reconheci. Ele vinha o tempo todo para comprar games.

O adolescente apontou para meu crachá.

— Tá legal, foi trapaça minha. Meu nome é Brandon — disse ele.

Olhei para Brandon fixamente, com medo de que qualquer coisa que eu dissesse o fizesse ir embora. Ele sustentou meu olhar — tinha alguma coisa no meu rosto? Peguei suas compras na esteira: um game com um soldado segurando uma arma na capa e quatro sacos de M&M's de amendoim.

Brandon ainda falava.

— Eu estudo na Escola Deadwick.

Ele era mais novo que eu. Eu tinha dezoito e meu diploma do ensino médio.

— Tudo bem — falei. Eu deveria dizer outra coisa. Por que alguém tão lindo como Brandon falava comigo, aliás?

— Você foi da EEMD?

Cociei o nariz para que minha mão cobrisse os dentes.

— Fui educada em casa.

— Que legal. — Brandon sorriu para os próprios pés. — Eu estava pensando se você queria sair comigo.

— Para onde? — perguntei, desnorteada.

Ele riu.

— Tipo um encontro.

Passei os olhos pela loja vazia. Brandon ficou parado ali, com as mãos nos bolsos, esperando uma resposta. Pensei em Phil, meu namorado virtual.

— Não sei.

— Ah, vamos — disse Brandon. — Prometo que não mordo.

Ele se curvou para o balcão quando disse isso. Nossos rostos ficaram a uns trinta centímetros de distância. Sardas mínimas pontilhavam seu nariz. Ele tinha cheiro de sabonete masculino. Meu coração agora saltitava. Enfim eu podia conseguir meu primeiro beijo. Será que contava como traição se você não conhecesse pessoalmente seu namorado virtual?

Brandon piscou para mim, depois fechou os olhos. Como era assim tão fácil para ele? Eu devia fechar os olhos também. Mas e se errasse a boca de Brandon e beijasse o nariz? De olhos abertos, então. Era para usar a língua? As revistas diziam que às vezes se usa a língua. Mas não os dentes. Nunca os dentes.

Meus dentes.

Eu não podia deixar que ele chegasse tão perto dos meus dentes. Além do mais, Scott podia nos ver. Nossos rostos agora estavam a centímetros. Eu tinha me curvado para o balcão sem perceber. Ia fazer uma besteira. Não estava preparada. Joguei a cabeça para trás.

— Não é uma boa hora — falei em voz baixa.

Ele abriu os olhos e virou a cabeça de lado.

— O que você disse?

— Eu disse que não é uma boa hora. — Prendi a respiração.

Ele gesticulou com desdém.

— Eu nem sugeri uma hora. Você fica ocupada o tempo todo?

Eu nunca ficava ocupada, mas essa não era a resposta certa. Estalei os dedos e tentei engolir. Minha garganta estava seca.

Brandon ergueu as sobrancelhas.

— Vai me fazer implorar?

Imaginei passar as próximas quarenta e oito horas revivendo cada palavra desta conversa. Eu precisava sair antes de estragar tudo. Meti atrás da orelha uma mecha de cabelo — curto e oleoso.

— Desculpe — falei com sua camiseta.

Brandon deu um passo para trás. As faces dele ficaram cor-de-rosa. Vi a metamorfose de seu sorriso para um esgar. Devo ter falado a coisa errada. Eu me retraí, esperando.

— Está ocupada fingindo que precisa de uma cadeira de rodas?

Minha boca se abriu. E eu a cobri com a mão.

— E acha que pode esconder seus dentes? Eles são um nojo, porra. *Você* é um nojo — Brandon falou num silvo.

*Não chore, não chore, não chore, não chore.*

— Eu só te convidei para sair porque meu amigo apostou comigo — disse ele. Na deixa, um garoto extasiado sai de trás do Caixa Dois. As lágrimas se acumulavam em meus olhos.

— Tipo *você me rejeitar?* — Brandon fez uma careta e saiu com sua sacola plástica da Gadget World. O amigo bateu um high-five nele. A primeira lágrima gorda escapou e rolou pela minha face.

Assim que eles partiram, saí a passo acelerado do caixa, ignorando a encarada de Arnie. Pensei em Malévola e Jafar e Cruela Cruel e Scar e no Capitão Gancho: no final, os vilões sempre perdiam.

A copa estava vazia. Fechei a porta e a tranquei.

Não chorava tanto desde que ouvi o veredito de minha mãe, dois meses antes.

Depois do trabalho, dirigi cautelosamente a van amassada de minha mãe pelos catorze quilômetros até meu apartamento. Tinha conseguido a carteira de habilitação também dois meses antes, com a ajuda da ex-melhor amiga de mamãe, Mary Stone, que me matriculara em um curso de direção, depois me levava ao Departamento de Veículos Automotivos para a prova escrita e o teste de volante. O funcionário do DVA disse que eu era a primeira pessoa a ter uma pontuação perfeita naquele mês. Às vezes entro na van e dirijo em círculos pelo quarteirão, só porque posso.

Estacionei na frente do meu prédio. Depois que consegui o emprego de caixa na Gadget World, a sra. Stone também me ajudou a procurar aluguéis baratos em Deadwick. O Sheridan Apartments era um prédio decadente de quatro andares — a sra. Stone disse que foi construído quando ela era criança. Às vezes eu recebia a visita de camundongos, mas o aluguel custava menos de quatrocentos dólares por mês. A sra. Stone disse que era um bom começo para mim. Eu não sabia o que estava começando.

Tranquei as portas do carro e fui para o prédio. Meu telefone vibrou no bolso enquanto eu andava pela calçada de concreto, era Phil. Fiz questão de pensar em Brandon ao pisar em cada rachadura.

Um chat hoje à noite?

Sim, por favor, dia difícil.

O que aconteceu?

Dentro de casa, tirei os sapatos e fui direto para a balança do banheiro. Desde que saí da casa de mamãe, nove meses atrás, havia engordado uns quinze quilos. Recentemente, meu peso tinha se estabilizado. Olhei para baixo. Ainda quarenta e seis quilos.

Evitei o espelho ao sair do banheiro. Não tinha energia para passar por toda a rotina. (Passo Um: verificar se as tiras de branqueamento estão funcionando. Eu classificava cada dente em uma escala de um a dez, depois registrava a pontuação de cada dente em um caderninho, assim podia acompanhar as melhorias. Passo Dois: usar uma fita métrica de tecido para verificar o quanto o cabelo tinha crescido. Tentei cápsulas de óleo de peixe, Biotina e vitaminas, mas nada dava certo: meu cabelo ainda não crescia mais rápido. Passo Três: examinar a mim mesma da cabeça aos pés, cada parte do corpo, e catalogar as coisas de que não gostava. Eu mantinha um inventário mental, assim sabia o que precisava ser trabalhado.) Procurava não fazer a rotina mais de uma vez por dia e a evitava por inteiro nos dias ruins, como este. Apaguei a luz do banheiro. Estava com fome.

Na cozinha, joguei no micro-ondas um jantar de macarrão com queijo congelado Tex-Mex e me recostei na bancada. Li a descrição da refeição na caixa e me perguntei que gosto teria *chouriço*. Depois de me mudar para minha própria casa, eu vivia principalmente de cereais matinais e refeições congeladas. Tinha tentado aprender a cozinhar sozinha, mas sempre entendia mal o tempo de preparo — queimava os legumes ou cozinhava demais o arroz. Sentia falta de ter alguém por perto para preparar minhas refeições, mesmo quando eram shakes de nutrição, como o PediaSure. Às

vezes acendia pequenas velas votivas, como mamãe costumava fazer para deixar o jantar elegante.

O micro-ondas bipou e eu peguei o macarrão com queijo. Ainda de pé junto da bancada, abri a embalagem plástica e joguei a massa com delicadeza na boca, pressionando na língua os dentes frios do garfo. O macarrão enroscado e coberto de queijo picante escorregou suavemente pela garganta, confiante em seu percurso de mão única. Triturei farinha de rosca entre os molares. Depois senti o tempero — chouriço era forte! Meus olhos lacrimejaram. Arrepios pipocaram pelos braços. Nunca ia me cansar de todos esses novos sabores.

Abri a geladeira e peguei uma refeição Lunchables — esta tinha bolachas, fatias de peru e pedaços de cheddar — e achocolatado. Pensei em beber direto da caixa, até que imaginei o rio de lava que viria. Então, servi o achocolatado em um copo.

*Um garoto do ensino médio entrou na loja e agiu como um c\*zão.*

Fiquei emocionada com meu uso despreocupado de c\*zão. Nunca tinha tido permissão para usar palavrões.

*Já superei.*

*Como foi o seu dia?*

Eu sempre tinha a esperança de que estivesse sendo dura comigo mesma. Todos os outros não me achavam tão feia como eu temia. Mas Brandon, sim. Meu corpo esquelético mais parecia o de um garoto de seis anos do que o de uma mulher. Eu não tinha peitos. Meus dentes eram irregu-

lares e cariados. Mesmo depois de engordar quinze quilos, eu ainda era magra demais, ainda não conseguia preencher o assento de um ônibus. Ninguém me considerava bonita, nem mesmo mamãe, que sempre tinha o cuidado de me chamar de uma *linda alma*, mas nunca de bonita. Ela escolhia os piores momentos para ser sincera.

Lamento pelo babaca.

Meu dia teve muita neve ;-)

Phil se mudara para o Colorado alguns anos antes, assim não podia mais fazer snowboard com frequência. Ele convencera os pais a deixá-lo morar na cabana dos tios ao pé da montanha em Front Range, uns setenta quilômetros a sudoeste de Denver. Esse traço rebelde, somado a seu interesse romântico por mim, bastou para me atrair. Ele também me ajudou a deduzir o que mamãe fazia comigo e, assim, praticamente salvou minha vida. Nos conhecemos em uma sala de bate-papo para solteiros quando eu tinha dezesseis anos, logo depois de eu convencer mamãe a ter internet, como uma ajuda em meus estudos. Ela só me deixava ficar online trinta minutos por dia, mas eu usava escondido depois que ela dormia, para conversar com Phil. Agora, passados dois anos e meio, trocávamos mensagens de texto diariamente. Mas nada de ligações ou chamadas de vídeo. Eu não era boa em conversas de improviso. Com as mensagens, tinha tempo para preparar minhas respostas. Não podia me arriscar a perdê-lo.

Depois de jogar fora a embalagem vazia do macarrão, levei meu Lunchables para a sala. Me sentei em uma das poltronas reclináveis Barca-Lounger marrons que mamãe comprara anos antes em uma venda de garagem e acionei o apoio para os pés. Empilhei um quadrado de cheddar e uma fatia de peru em cima de uma bolacha, depois parei. Meu estômago estava revirado ou era imaginação minha?

Em voz alta, falei: “Não tem nada de errado com o macarrão”.



Peguei os DVDs na mesa lateral: *Alice no País das Maravilhas* e *Pinóquio*. Quando criança, eu só podia ver três filmes — *A Bela Adormecida*, *Cinderela* e *A Bela e a Fera* —, e assim estava compensando o tempo perdido. Até agora, tinha passado por metade da coleção de filmes da Disney da biblioteca. Nenhum deles conseguia superar meu favorito de todos os tempos, *A pequena sereia* — vi esse trinta vezes. Tentava chegar a trinta e três, para dar sorte.

Mas o que eu queria não era um filme. Examinei a calça cáqui e a blusa azul do uniforme. No dia seguinte estaria vestindo exatamente as mesmas roupas, endireitando a mesma pilha de revistas, reabastecendo o mesmo quiosque para o próximo c\*ção que entrasse na *Gadget World* para me dizer que eu era um nojo.

E se Brandon voltasse à loja? E se eu esbarrasse com ele no posto de gasolina, ou enquanto comprava mantimentos?

Talvez fosse exagero da minha parte. Eu tinha um namorado e um emprego em tempo integral e meu próprio apartamento. Tinha ido ao dentista, que disse que, com algumas extrações e uma ponte, eu podia ter lindos dentes brancos. Desde então, comecei a economizar cinquenta dólares de cada cheque de pagamento para investir em meu novo sorriso. Eu fazia progressos, então o que era a opinião de um cara gato? Brandon não era ninguém para mim.

— Você não é nojenta — falei, enjoada e inquieta. Não acreditava em mim mesma.

Não estava preparada para me mudar para outra cidade. Passei a maior parte da vida na mesma casa, saindo apenas para consultas médicas, visitas a nossos vizinhos e à escola, até que minha mãe me tirou de lá. Embora muita gente em *Deadwick* me irritasse, pelo menos eram rostos conhecidos. Eu podia aguentar desde que tivesse nossas poltronas marrons, o mercadinho e a sra. Stone — conhecida pelos biscoitos de aveia e seu eterno otimismo — a cinco minutos de distância. Uma mudança era algo grande demais. Mas talvez desse certo uma curta mudança de cenário.

*Faça uma lista*, sussurrou mamãe. Aqui estavam todas as pessoas que eu sabia que não moravam em *Deadwick*: mamãe, Alex, que morava em Chicago; e Phil, que estava bem longe, no Colorado. Phil e eu nunca sugerimos

nos encontrar. Ficar cara a cara significava o fim das fantasias. Se Phil me conhecesse, talvez me chamasse de nojenta também. Podia até terminar comigo. Ainda assim, o bicho-carpinteiro em minha calcinha não sossegava.

Fiz um rascunho da mensagem por quarenta e cinco minutos antes de decidir pela abordagem mais direta:

O que você acharia se eu aparecesse para uma visita? :-)

Preciso sair um pouco de casa.

Os três pontos pairaram, flutuando em minha tela. Ele digitava, digitava e digitava. Puxei uma cutícula. *Não encha balões de esperança.*

Agora não é um bom momento.  
Desculpe, gata.

Quem sabe daqui a alguns meses?

Soltei a respiração que estivera prendendo. Não me atrevia a perguntar por que agora não era um bom momento, e em vez disso fiz outra lista: “Possíveis Motivos para Meu Namorado Não Querer Me Conhecer”. Talvez ele tivesse outra namorada. Talvez eu fosse a amante. Talvez não o deixassem namorar. Talvez ele não soubesse fazer snowboard. Talvez fosse mais feio na vida real do que na foto. Talvez, no fundo, soubesse que eu não era a garota linda que ele esperava — embora eu tivesse dado um nome falso para que ele não me encontrasse.

O confronto com Brandon foi o mais perto que cheguei de meu primeiro beijo. Dezoito anos era velha demais para ainda estar à espera — aprendi isso nas páginas da *Seventeen*. Decidi continuar trabalhando em Phil. Ele era minha melhor aposta. Além do mais, se íamos ficar juntos, a certa altura não teríamos de nos conhecer?

Tamborilei os dedos no braço da poltrona, quebrando a cabeça atrás de outra saída. Eu podia ir a Chicago. Durante meses, minha melhor amiga e filha da sra. Stone, Alex, se ofereceu para me mostrar a cidade. A gasolina para uma viagem de três horas não ia custar tanto assim.

No telefone, abri a conversa com Alex.

Pensei em te fazer uma visita!

Bati na setinha azul e mordi o lábio.

Rolei a tela de nosso chat. Alex não respondera às últimas três mensagens que eu tinha enviado. Eu teria ficado preocupada se ela não estivesse postando nas redes sociais todo dia, detalhando como se divertia com os amigos dela da cidade. Depois dos últimos meses, andei examinando alguns desses sites para entender como funcionavam. Até criei coragem para criar uma conta em um deles, mas ainda não tinha postado nada. Não conseguia decidir por uma foto de perfil.

Olhei os filmes alugados de novo, mas em vez disso coloquei minha cópia de *A pequena sereia* — o único filme que eu possuía — no aparelho de DVD.

Trinta minutos se passaram e Alex ainda não tinha respondido. Pela primeira vez, Scuttle e Sebastian não conseguiram me distrair. Fiquei imaginando a palavra NOJENTA como uma placa de neon flutuando sobre minha cabeça, com duas setas piscando e apontadas para mim. A palavra se tatuou sozinha na minha testa e nas faces, dentro da boca. Puxei até o queixo meu cobertor de fleece com estampa de zebra — o que mamãe fez para mim. A palavra me seguiu até lá, martelava em meus ouvidos. Imaginei que ela vagava pelo sangue nas veias e sacudi a cabeça para me livrar dessas ideias. Eu devia tê-lo ignorado ou continuado a folhear aquela revista.

A revista. Peguei de novo o telefone e rolei por antigos e-mails. Encontrei aquele de Vinny King, o redator da *Chit Chat* que tinha me mandado vários pedidos de entrevista em troca de uns duzentos dólares. Li o e-mail de novo.

*A mídia só quer saber de retratar você como uma garotinha fraca e vitimizada. Não está na hora de você botar tudo em pratos limpos?*

Na época, eu acreditava no destino. Achava que havia uma razão para tudo o que acontecia.

Quando Vinny King entrou em contato comigo pela primeira vez, eu ainda tinha a sonda gástrica. Acabara de me mudar de nossa casa para a da sra. Stone. O serviço social me recomendara um terapeuta. Repórteres acampavam na frente de cada prédio em que pensavam que eu estaria escondida. Quando testemunhei contra mamãe, eu mal me aguentava. Queria separar publicamente os fatos das mentiras, mas uma entrevista com a velha Rose Gold teria sido um desastre. Eu podia ver as manchetes rindo porque a filha era tão louca quanto a mãe. Elas já tinham sido bem ruins: *MÃE NÃO MOSTRA REMORSO POR QUASE MATAR A FILHA DE FOME.*

Mas isso foi naquela época.

Agora eu era estável. Nada era perfeito, é claro. Por exemplo, talvez eu fosse meio fixada demais em meu peso. Ainda não conseguia ingerir algumas comidas sem ter náuseas, embora eu tivesse certeza de que a doença estava na minha cabeça. Não sabia falar com gente da minha idade. Babacas como Brandon ainda acabavam comigo.

Talvez eu não estivesse preparada para falar das lembranças que fizera, como arranjar um bom emprego no ano anterior. Mas também não podia continuar abusando das pessoas que não sabiam nada a meu respeito, nem podia contar o meu lado da história. A mídia não se interessava mais por mim e mamãe; eu não tinha notícias de Vinny fazia meses. Mas talvez pudesse convencê-lo a me ouvir. Depois podia usar o dinheiro da entrevista no tratamento dos meus dentes. Ou visitar Phil no Colorado.

Alex ainda não tinha respondido a minha mensagem. Na TV, Ariel concordava em abrir mão de sua voz.

Disquei o número de Vinny King antes que pudesse mudar de ideia. O telefone tocou. Olhei para meus sapatos. Os cadarços tinham desamarrado.

Ela estava pensando em mim.